

SAMBA COMO AFIRMAÇÃO DO EXERCÍCIO DA CIDADANIA SAMBA AS AN AFFIRMATION OF THE EXERCISE OF CITIZENSHIP

Wesley Barbosa¹

RESUMO: O presente artigo busca compreender o significado de cidadania atribuída ao povo brasileiro. Iniciamos com o surgimento do primeiro samba de enredo, Pelo Telefone, como recurso para endossar o argumento de que o exercício da cidadania no Brasil, passa por outros caminhos, que não os idealizados pela elite e o seu europeísmo, como fantasia de espantinho de suas incoerências e frustrações socio subjetivas. Daí, avançamos para José Murilo de Carvalho, em Os Bestializados, no sentido rastrear o seu debate sobre as práticas cidadãs brasileiras no que concerne ao advento da República, ao seu autoritarismo e a Revolta da Vacina. Por fim, analisaremos alguns sambas de enredo sobre a cidade do Rio, para, enfim, chegarmos ao partido-alto de Leci Brandão, com sua pegada combativa, poética e formadora de uma consciência social, principalmente entre os mais pobres.

Palavras-chaves: cidadania, samba, povo brasileiro e filosofia brasileira.

ABSTRACT: This article seeks to understand the meaning of citizenship attributed to the Brazilian people. We begin with the emergence of the first samba plot, Pelo Telephone, as a resource to endorse the argument that the exercise of citizenship in Brazil goes through other paths, other than those idealized by the elite and their Europeanism, as a scarecrow fantasy of their inconsistencies and socio-subjective frustrations. From there, we move on to José Murilo de Carvalho, in Os Bestializados, in order to trace his debate on Brazilian citizen practices regarding the advent of the Republic, its authoritarianism and the Vaccine Revolt. Finally, we will analyze some plot sambas about the city of Rio, to finally arrive at Leci Brandão's party-alto, with its combative, poetic footprint and formation of social consciousness, especially among the poorest.

Keywords: citizenship, samba, Brazilian people and Brazilian philosophy.

Introdução

O presente e o passado encontram-se numa forma do discurso político como escândalo para uma determinada sociedade conservadora com suas hipocrisias moleculares. O alarmismo da violência urbana e o imoralismo da jogatina não configuram polêmicas de hoje noticiados no jornal da hora do almoço, elas perduram no tempo. E como o ilegal é bastante praticado no Brasil, inclusive pelos portadores da lei e guardiões da moral e dos bons costumes, há de se convir que os acordos, o *por debaixo dos panos*, acontecem generalizadamente. *Abriu um Cassino no Rio em conchavo com a polícia*, noticiavam os jornais. Nada de novo por aqui, entre os céus e a Cidade Maravilhosa!

¹ Doutorando em Filosofia. PPGFil-UFES. E-mail: wesleydejesusbarbosa1980@gmail.com

O principal acusado pelo jornal era o então chefe de polícia Belisário Távora, responsabilizado por mais esse tradicional conchavo realizado entre aproveitadores e a polícia carioca, tachado de “incompetente” e “conivente” pelos inflamados artigos escritos no tom moralista tão ao gosto de nossos jornalistas e políticos, encimados por títulos como “O cancro da jogatina” ou “Escândalos do jogo” (MOURA, 1995, p. 167).

E assim teria surgido o primeiro samba enredo da história: *Pelo Telefone*². Registrado por Donga, mas feito coletivamente em casa de Tia Ciata. Assim, *Pelo Telefone* tem crítica debochada à corrupção policial, o jogo de azar e a promiscuidade moral, principalmente da classe média e das elites³. Que defendem a moral e os bons costumes, mas não deixam de fazer aquela *fêzinha*, contravenção penal à luz do dia. Esta cidade do samba teve as condições de desenvolvimento desta história, ou seja, os desmandos, a república para poucos, a exclusão social, a falta ou nenhuma política pública para as pessoas libertadas pela lei Áurea. O samba como produto de resistência e prática da cidadania é um tipo de resposta a opressão, bem ao estilo brasileiro.

1. OS BESTIALIZADOS?

Apesar de uma massa de trabalhadores, explorada sob as condições mais desumanas e injustas, a maioria deles, senão todos, não estavam autorizados a votar e escolher os representantes que achassem mais preparados para resolver os seus problemas pontuais no contexto da Primeira República e a República Oligárquica. Os votantes, homens brancos alfabetizados, constituíam uma minoria. É evidente que se usará a estratégia de ensinar muitos destes analfabetos a assinar o nome e votar no candidato que lhe ofereceu a oportunidade da “alfabetização”. Massa de manobra política para endossar em votos o grupo hegemônico!

Teríamos assim [de acordo com o censo de 1890 analisado pelo autor – cometário nosso] por volta de 100 mil pessoas aptas a votar, ou seja, mais ou menos 20% da população total. [...] A exclusão de 80% da população do direito político do voto já é um indicador do pouco que significou o novo regime em termos de ampliação da participação (CARVALHO, 1987, p. 85).

²Ouvir: <https://www.youtube.com/watch?v=woLpDB4jjDU>

³Mais a frente o analisaremos.

Os aptos a votar alistavam-se no colégio eleitoral para garantir o direito. Ou seja, no dia do pleito não era permitido aparecer na zona eleitoral com qualquer documento com foto e apresentar-se, se o nome dele não estivesse na lista. A não aquisição de documentos pessoais oficiais era outro impeditivo ao aumento do número de eleitores. Boa parte da população brasileira não tinha documento de identificação. Dos alistados, seria muito provável, nem todos aqueles inscritos, que não eram muitos, votariam no dia, pelos motivos mais variados. Sendo as eleições, portanto, com baixíssima representatividade popular. As eleições acontecendo mais por medida regimental, que por necessidade de sua ratificação como endosso necessário ao republicanismo.

Nas primeiras eleições diretas para presidente, em 1894, votaram apenas 7 857 pessoas, ou seja, 7% do eleitorado potencial, 1,3% da população. Em 1896 os alistados tinham subido para 42 252, mas nas eleições deste ano para o Congresso votaram 13 127 eleitores, o que correspondia a 31% dos alistados, 13% do eleitorado potencial, 2,5% da população total (CARVALHO, 1987, p. 85).

Elementos fortemente republicanos só vieram a se instalar mais firmemente no Brasil, somente após 1988. A experiência democrática pós vargas, de 1946 a 1964, significou muito para a formação do país, mas teve um final trágico, as tropas tomando a capital e a junta militar, liderada por Castelo Branco, assumindo a gerencia sob os auspícios de libertar o Brasil do comunismo, se auto intitulado, revolução de 1964. Logo, conceitos como voto, democracia, diálogo, divergência, contraponto, discordar, disputar, ouvir, retrucar com decoro, exigir direitos e não se esperar cair do céu, enfim, tais nomes e ações nos são ainda bem novos. Outras nações tem uma experiência democrática mais efetiva. Mesmo a esquerda brasileira é autoritária, pouco disponível a ouvir a direita. Mas se a tensão e intolerância entre esquerda e direita desemboca num abrir-se em trincheiras, a tradição política brasileira, outrossim, avançou até aqui com o centro político mais fisiológico.

Pode-se dizer que a República conseguiu quase literalmente eliminar o eleitor e, portanto, o direito de participação política através do voto. Uma comparação com Nova Iorque deixa claro o contraste. Lá, em 1888, 88% da população adulta masculina votou para presidente. O número equivalente para o Rio em 1896 foi 7,5% (CARVALHO, 1987, p. 86).

A fraude eleitoral também contribuía para a baixa participação nos pleitos. Um sistema de fiscalização eleitoral capaz de conter a manipulação dos lacres e a inclusão e exclusão de cédulas, assim como a anulação dos votos indesejados por meio de rasuras, na urna, não era digno do menor esforço por parte da República. A fraude beneficiava os donos do poder. “O Regulamento de Alvim, que regeu as primeiras eleições da República, suprimiu os fiscais da legislação anterior, deixando a mesa escrutinadora à mercê dos mesários, delegados das intendências municipais” (CARVALHO, 1987, p. 87). Os mesários, praticamente, sozinhos, faziam o que bem queriam com as urnas, manipulando o desejo dos votantes segundo os interesses dos grupos hegemônicos. É bizarro, portanto, grupos oportunistas de hoje em dia, acusarem a urna eletrônica de pouco confiável, como se fosse simples quebrar o lacre e invadir o sistema para manipular os votos. Sem conexão com a internet é impossível invadir a urna eletrônica, já a urna de votos de papel é bastante simples de se quebrar o seu lacre e substituí-lo por um exatamente igual, inclusive com a mesma numeração. Além disso, o voto do cabresto determinava quem iria votar em quem, já que o voto era aberto e os capangas dos políticos iriam até as zonas para fiscalizar os eleitores. Os desobedientes seria tratados com violência. “No caso do Rio de Janeiro, havia também outra boa razão para que os cidadãos não se aventurassem a exercer seus direitos. Além de ser inútil, votar era muito perigoso” (CARVALHO, 1987, p. 87). Não foram poucos os casos de espancamentos de eleitores incumbidos de votar no candidato A e na última hora terem votado no outro. Sendo atacado pela traição e acusado de *mal agradecido*, depois de o seu benfeitor lhe ter oferecido a alfabetização e lhe ter feito todo o trâmite para votar. Em dia de pleito, as ruas ficavam mais tumultuadas e os ânimos à flor da pele, o que levava qualquer pequeno desentendimento, à pancadaria, espancamentos e até assassinatos. Seja por motivos políticos ou não.

Se a exclusão legal do processo eleitoral é fácil de entender, a autoexclusão exige maior esforço de interpretação. Aparentemente, grande parte dos adultos escolhia não ser cidadão ativo, para usar a expressão jurídica da constituição imperial. Uma das razões para este comportamento era sem dúvida a fraude eleitoral, que a República nada fez para eliminar (CARVALHO, 1987, p. 86).

A via do voto não era o canal de comunicação entre o povo e o Estado. Restava, ainda, a via rebelde. Com um Estado omissivo, privatizado pelos interesses oligárquicos, e o

povo esquecido e à mercê, aconteceria de se acumular a raiva e o ódio mais fundos que, vez por outra, desembocavam em movimentos contestatórios. Quase sempre sem uma linha organizativa capaz de compor um planejamento e uma pauta reivindicatória. “O povo do Rio, quando participava politicamente, o fazia fora dos canais oficiais, através de greves políticas, de arruaças, de quebra-quebras. Ou mesmo através de movimentos de natureza quase revolucionária, como a Revolta da Vacina” (CARVALHO, 1987, p. 90). Os desgovernos só intensificavam os problemas sociais, já bastante sérios. Num misto de incompetência e esperteza, a gestão era de desleixo, principalmente, com os mais pobres. Se, antes, emitiu-se papel-moeda, sem qualquer lastro, em outro momento, decidiu-se por conter a festa especulativa, pela redução de moeda no mercado e pela indicação do padrão ouro. Ou seja, o óbvio no Brasil nem sempre é tão cristalino. A economia voltou a crescer.

O governo de Campos Sales tinha sido de recessão econômica produzida por uma política de combate à inflação que se caracterizava pela redução do meio circulante, pela contenção drástica dos gastos do governo e pelo aumento de impostos, especialmente através da tarifa-ouro sobre os produtos de importação (CARVALHO, 1987, p. 92).

A realidade de forte recessão econômica e dependência internacional, sem uma política econômica robusta, no sentido de uma racionalização da moeda circulante, assim como políticas de empregabilidade pelo mercado privado e setor público, para alavancagem do mercado consumidor, conduziram o país a já bem conhecida solução fácil. Ou seja, empréstimos internacionais para investimento em obras públicas de bastante visibilidade. “Rodrigues Alves, sem alterar de modo significativo a política financeira, enveredou por um programa intensivo de obras públicas, financiado por recursos externos, que conseguiu dar início a recuperação econômica” (CARVALHO, 1987, p. 92). Com isto, iniciou-se as obras de reforma e modernização do centro do Rio, o *bota a baixo* de Pereira Passos. O *boom* para tocar a obra gerou emprego, circulação do comércio e a sensação de que se avança a um destino, grandioso e extraordinário. As devidas indenizações e o suporte assistencialista de curto prazo e os programas de qualificação de mão de obra qualificada, para o povo desprotegido pelo Estado, não ocorreram.

Em novembro de 1904, data da revolta, o trabalho de demolição das casas para abrir a avenida Central, executado por 1800 operários, continuara e 16 dos novos edifícios estavam construídos. O eixo central da avenida fora

inaugurado em 7 de setembro, em meio a grandes festas, já com serviço de bondes e iluminação (CARVALHO, 1987, p. 93).

A modernização cosmética da cidade, apenas escondia o mais grotesco, a falta de saneamento básico, de controle de pragas, e, ainda, o não tratamento de água e a inacessibilidade de água potável para o grosso da população. A receita perfeita para a proliferação de doenças, tidas como doenças de países com baixo desenvolvimento econômico-social. Para se ter uma ideia, a peste bubônica, transmitida pelas fezes de pulgas de ratos, mencionada pelos professores de história quando se fala de Idade Média europeia, era epidêmica no Rio de finais do dezenove e inícios do vinte. O processo biológico de contaminação pelo hospedeiro da bactéria é extremamente complexo e improvável de ocorrer, a não ser que a população de ratos seja tão grande que ultrapasse, em muito a de humanos, além das condições urbanas e residenciais que não protegiam as pessoas do contato, quase pele a pele, com os roedores. Oswaldo Cruz trabalhou para conter os mosquitos via veneno no ar e pela exterminação de ratos. O Estado incentivando o extermínio pela própria população.

Pelo lado da saúde pública, Oswaldo Cruz enfrentou, em primeiro lugar, a febre amarela, adotando métodos já aplicados em Cuba. Atacou a doença por dois lados, pela extinção dos mosquitos e pelo isolamento dos doentes em hospitais. Logo a seguir, voltou-se para a peste bubônica, cujo o combate exigia a exterminação de ratos e pulgas e a limpeza e desinfecção de ruas e casas. O trabalho começou em abril de 1903 (CARVALHO, 1987, p. 94).

O tom moralista, de invasão da casa e desrespeito ao chefe da família, de agentes da saúde deflorando esposas e filhas sob o olhar do macho, constituiria o elemento fundamental para a revolta. A defesa da honra familiar, da pureza das filhas e da mulher, rainha soberana de seu lar, submissa a seu homem. Aqui, vale um comentário, que seja a título de provocação. Quando Bolsonaro diz que o Brasil é conservador, é preciso saber ouvir isto para que a esquerda não continue patinando. O linguajar progressista, identitário ou classista, da classe média supostamente revolucionária, da academia, não é comum entre o povo. Mais habitual são os epítetos conservadores como o de que o trabalho dignifica, de que o homem deve prover o lar e a mulher educar os filhos segundo os verdugos do imaculado Senhor, de que *menino veste azul e menina rosa*, e que droga desvirtua as pessoas do caminho correto, etc. Isto é, acessar o povo com uma verborragia,

tão direta, e tão detentora da certeza da verdade e do bem, pelo aborto como política de saúde pública, da redução de danos como cuidado com os dependentes químicos, da equidade de gêneros, é gerar, primeiramente, recusa, não aceitação. Ser pobre não quer dizer ser revolucionário ou progressista, esta concepção só demonstra como a esquerda ainda é elitista. Ao contrário, muito do ser pobre quer dizer ser conservador ou ser indiferente a estas questões, já que o mais importante é garantir o sustento da família, não se tendo tempo para “estas bobagens de gente com a barriguinha cheia”. Não é por acaso que a legislatura 2023-2027 é uma das mais conservadoras que o Congresso já teve.

Não há como negar também o medo desenvolvido em relação à vacina propriamente dita. [...] Mas o que talvez mais tenha atingido a população foi o tom moralista emprestado à campanha, já visível no discurso de Vicente de Souza no dia 5 de novembro. Buscou-se explorar a ideia da invasão do lar e da ofensa à honra do chefe da família ausente ao se obrigarem suas filhas e mulher a se desnudarem perante estranhos (CARVALHO, 1987, p. 131).

Os alicerces fundadores da República, liberais, Iluministas e humanistas, colocados em xeque pela invasão da propriedade e do cerceamento da liberdade individual exerceram forte influência na eclosão da revolta. A casa é o lugar inviolável da segurança inquestionável da família nuclear. A invasão dos lares compõe grave crime de mácula e vilipêndio da propriedade privada. Se é exigido em qualquer república, mesmo numa *República das Bananas*, um mandado de busca e apreensão devidamente embasado com provas materiais explícitas que justifiquem qualquer assédio, conversa formal ou informal de seja lá do que for do agente público, ou mesmo invasão das imediações da propriedade. Sem o endosso jurídico de uma autoridade altamente competente de notório saber jurídico e ilibada conduta moral, assim como detentora de isenção política contumaz, e amplo repertório intelectual cultural geral, qualquer ação policial não passa de atividade terrorista e mafiosa de caça e extermínio de determinados grupos indesejados, como bem operou a SS e a GESTAPO na Alemanha.

Para o povo, os valores ameaçados pela interferência do Estado eram o respeito pela virtude da mulher e da esposa, a honra do chefe da família, e inviolabilidade do lar. [...] Ao decretar a obrigatoriedade da vacina pela maneira como o fizera, o governo violava o domínio sagrado da liberdade individual e da honra pessoal (CARVALHO, 1987, p. 136).

Invasão de residências, método usado, ainda hoje, para esculchar pobres e pretos, é uma atividade em total contradição com o princípio elementar da república. É por isto que a lógica republicano democrática não é entendida como processos de subjetivação no Brasil. Ela encontra-se muito distante, ainda. Por exemplo, agentes públicos de Estado achando-se detentores de poderes ditatoriais e absolutistas. Ou por considerarem estarem certos, se permitirem cometer crimes para o bem da maioria. Como a polícia não invade casas e apartamentos de chefes do tráfico em Ipanema, - quem alimenta o tráfico de drogas são empresários e homens de negócios que sabem do poder maximizador de capital promovido pelo comércio de drogas, isento de impostos, com consumidores fiéis e muito demandada como substância para a diversão -, fica evidente que a questão da Segurança Pública é profundamente racista. Não se está combatendo o mal pernicioso da droga, está-se atuando para segregar, violentar e matar pessoas consideradas racialmente inferiores, portanto, dignas dos campos de morte e extermínio da limpeza étnica.

A referência a República é significativa. Estava sendo violado um direito que o sistema republicano deveria, por sua própria essência, resguardar. Ao não fazê-lo, ao violá-lo abertamente, o governo colocava-se contra seus próprios princípios, colocava-se na ilegitimidade e na ilegalidade, tornando então justificável e justificado o recurso a força (CARVALHO, 1987, p. 137).

Todas as invenções europeias de cidadania fracassaram na capital da República. A organização político partidária, o progresso iluminista ou positivista, o jacobinismo, o socialismo, o anarquismo, o liberalismo, o direito a propriedade privada, a justiça, nada disto vingou. O povo mantinha-se povo a sua maneira brasileira de ser. Qualquer ordenação teórica europeizante, incapaz de dar conta da complexidade sociopolítica brasileira. A própria Revolta da Vacina como insuficiente para uma síntese teleológica da cidadania brasileira.

No campo da ação política, fracassaram sistematicamente as tentativas de mobilizar e organizar a população dentro dos padrões conhecidos nos sistemas liberais. Fracassaram os partidos operários e de outros setores da população; as organizações políticas não partidárias, como os clubes republicanos e os batalhões patrióticos não duravam além da existência dos problemas que lhe deram origem;[...] (CARVALHO, 1987, p. 141).

Se os modelos europeus de cidadania não funcionaram, outros, bem brasileiros e criativos atuavam sistematicamente na composição cidadã do povo. As festas religiosas, as

festas profanas, os clubes carnavalescos, os terreiros de candomblé. “O espírito associativo manifestava-se principalmente nas sociedades religiosas e de auxílio mútuo” (CARVALHO, 1987, p.143). Logo, a cidadania corresponde a festa como proposição política do povo. Sim, pois estas articulações possibilitaram o desenvolvimento do comércio, das redes de solidariedade, da alegria, do fortalecimento do coletivo, da consolidação de uma fraternidade de pretos, não apartada da pátria, mas negada desde sempre por ela.

Assim é que pululavam na cidade, organizações e festas de natureza não política. Em 1846, o americano Ewbank ficou fascinado pelo peso que a religião ocupava na vida das pessoas. [...] Eram famosas ainda na virada do século as festas da Penha e da Glória. A festa da Penha, que continua até hoje mobilizando milhares de pessoas na zona norte nos domingos de outubro, era sem dúvida a mais importante da cidade. [...] A festa evoluía para grandes bebedeiras, uma orgia campestre, na expressão da Raul Pompéia, com muita música, misturando-se ritmos portugueses, brasileiros e africanos: o fado, o samba, a tirana, a caninha-verde. [...] As festas da Penha, tomados aos poucos aos portugueses pelos negros, foram também um dos berços do moderno samba carioca desenvolvido em torno de Tia Ciata e seus amigos.(CARVALHO, 1987, p. 141-142).

O carnaval propriamente dito era outro elemento aglutinador do povo. Ele como mobilizador dos clubes carnavalescos das elites, lugares onde o permissivismo garantia o contato da cultura popular com os bailes das elites. Mistura que conduzirá ao carnaval como o conhecemos hoje. Estes clubes carnavalescos permitiram inserir o lundu no maxixe dando numa modalidade da dança palatável ao gosto das elites.

Não é preciso também insistir na importância das festas do entrudo e do carnaval, bastante estudadas. Eram festas que já à época dominavam a cidade por inteiro. De tal modo a deixar o inglês Charles Dent perplexo. Ao presenciar o carnaval de 1884, sua impressão foi a de que ‘todo mundo parecia ter perdido a cabeça’. O carnaval deu também origem a algumas das associações cariocas de maior longevidade, como os Tenentes do Diabo e os Fenianos. Mesmo associações operárias mobilizavam-se para a pândega, para a irritação e desespero das lideranças anarquistas (CARVALHO, 1987, p.143).

Em termos sambísticos, a construção da cidadania ao estilo brasileiro, iniciou-se com o samba *Pelo Telefone*. Não é esperado do brasileiro uma tomada de consciência revolucionária, mas isto não quer dizer que o âmbito do político, do social, do econômico, das mazelas mais duras a que foram acometidos os povos negros e indígenas, estejam

ausentes. Neste primeiro samba, composto coletivamente em casa de Tia Ciata na região da Praça Onze e, apropriado por Donga⁴, o tom de gozação para denunciar os casos de corrupção policial fazem valer como voz dissonante. Bem ao estilo do carnaval, que mistura festa com coisa séria. Aliás, o samba falando da jogatina, aos olhos dos puritanos, indevida, por *debaixo dos panos*, incentivada e praticada por eles, ao mesmo tempo que lembra dos amores, das traições, do próprio samba, numa metalinguagem do texto como enunciação do sentido político carnavalesco. Não se trata de discurso panfletário, uso da linguagem como alegoria, como de alguém que sabe de algo e a denuncia ao povo. Todo mundo sabe que a polícia é corrupta e leviana e o que o brasileiro faz com isso, zomba, tira sarro, esculhamba, numa arte de fazer graça como estética musicalizada: não *tirando por menos*, mas fazendo ruído, batuque, na cerimonialidade fingida de uma sociedade hipócrita que tenta edificar um mundo de harmonia, com mania de grandeza e síndrome de *complexo de vira-latas* de ser um outro, de outro lugar, que ele nunca consegue ser, por ter no fundo de seu ser uma inautenticidade que interdita a aquisição de um europeísmo como estilo de vida. A elite brasileira está condenada a uma brasilidade para o bem e para o mal, e isto a degenera fisiopsicologicamente.

O chefe da polícia pelo telefone manda me avisar
Que na Carioca tem uma roleta para se jogar (2x)
Ai, ai, ai,
Deixa as mágoas para trás ó rapaz
Ai, ai, ai,
Fica triste se és capaz, e verás.
Ai, ai, ai, (2x)
Tomara que tu apanhes
Pra nunca mais fazer isso
Roubar amores dos outros
E depois fazer feitiço.

⁴ Acusações de oportunismo, roubo, plágio, mau-caratismo, não nos parecem expressões adequadas ao caso. Isto porque havia a ambição, principalmente, dos artistas pobres e negros, de que algo de sua criação emplacasse, o retirando da miséria, da fome, do trabalho pesado e insalubre. É certo que a criação foi coletiva e é certo que a miséria desloca as posições éticas para regiões que merecem outro tipo de atenção. O roubo da obra de arte não se justifica por qualquer argumento, assim como a fome, o racismo e a violência da escravidão. Aliás, a própria Tia Ciata criou um samba resposta a deselegante prática de Donga. Não que tudo tenha virado samba, no sentido de que no Brasil *tudo acaba em pizza*, mas fazer graça, pilhéria, do ocorrido, desmascarando o farsante, bem ao estilo do partido-alto, na classe, no estilo, na desenvoltura de compadres, na gíngua, sem perder o problema central do caso de plágio, corresponde uma resposta criativa, autêntica e constrangedora para o *espertinho*. Se diz que Tia Ciata e Donga nunca se entenderam sobre esse assunto. Para uma leitura mais detida, consultar o livro de Roberto Moura de 1995, publicado pela editora Coleção Biblioteca Carioca, *Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro*, especialmente o capítulo intitulado *A Polêmica de Pelo Telefone*.

Ai, a rolinha / Sinhô, Sinhô
Se embarçou / Sinhô, Sinhô
Caiu no laço / Sinhô, Sinhô
Do nosso amor / Sinhô, Sinhô
Porque esse samba, /Sinhô, Sinhô
É de arrepiar, /Sinhô, Sinhô
Põe a perna bamba / Sinhô, Sinhô
Mas faz gozar / Sinhô, Sinhô
O "Peru" me disse
Se o "Morcego" visse
Não fazer tolice,
Que eu então saísse
Dessa esquisitice
De disse que não disse.
Mas "Peru" me disse
Se o "Morcego" visse
Não fazer tolice,
Que eu então saísse
Dessa esquisitice
De disse que não disse.
Refrão(2x)
Queres ou não / Sinhô, Sinhô,
Vir pro cordão / Sinhô, Sinhô
Ser folião / Sinhô, Sinhô
De coração / Sinhô, Sinhô
Porque este samba/ Sinhô, Sinhô
É de arrepiar / Sinhô, Sinhô
Põe a perna bamba / Sinhô, Sinhô
Mas faz gozar / Sinhô, Sinhô⁵

A grande estratégia artística dos carnavais de sambas de enredo é constituírem-se como modelos carnavalizantes. Ou seja, o texto, assim como o desfile, a música, as pessoas, a festa, também lidos como texto, não tem a pretensão a uma sociologia, a uma história, a uma política. Mas apesar disso, acabam fazendo isso, de um jeito rebelde, pois é festa, não é algo que se pretenderia sério. Este grande texto pode ser traduzido como poesia. Algo de literário que cria um mundo ficcional, delirante, louco, como distorção intencional dos artistas envolvidos no *pathos* corporal do desfile, porque o carnaval bate no corpo, há uma inteligibilidade corporal como interpretação fenomenal, que corresponde a uma captura da totalidade sistêmica do desfile num estado de ânimo integrador, sem falta, um transe mesmo, onde arte, política, sociedade, negritude, brasilidade, história, sociologia, trabalho, festa, integram-se numa unidade coesa. Talvez, um estado de alcance de plenitude e bem-estar a que poderíamos denominar felicidade: isto é revolucionário! Mas, tudo isso, como

⁵DONGA. *Pelo Telefone*. 1916. In: <https://www.youtube.com/watch?v=woLpDB4jjDU>

uma espécie de mística dos batuques (o samba é oriundo dos batuques rituais das religiões de matrizes africanas, especialmente o candomblé), aos olhos dos desavisados não passa de algo desimportante, alienante, risível. Neste samba da São Clemente, *Já vi esse Filme*, os compositores inventaram uma história que não existe, mas se parece tanto com a História do Brasil, que até poderíamos falar que isso tem relação com cristianismo, escravização de pessoas, eleições para presidente, mais por ordem protocolar que por espírito republicano. Mas não, é só brincadeira! Clementius é só uma invenção carnavalesca, nada mais além disso. O ponto é que o texto desloca o fundo substancial de uma verdade sobre a história do Brasil, para um fenômeno interpretativo, mais leve, solto, livre, portanto, hermeneuticamente mais autêntico e real. E não só, com isso, burla o sistema de fiscalização política do Estado num truque do dizer como só poesia, como se a poesia fosse inofensiva. Ademais, o sentido não é, de outro modo, estritamente político, mas zombeteiro, artístico, ousado. Escapando totalmente da instrumentalização da arte pela política. Com esse tipo de ferramenta artística, os povos negros brasileiros construam e constroem sua estratégia educacional de formação intelectual de seu povo. Informando e divertindo, mascarando e expondo, brincando e resistindo. Isto é o mais legítimo exercício da cidadania.

Avancei no tempo
O mundo parou, acabou
Carnaval, festa profana
Satã é o imperador
Clementius do espaço sideral
Criou a terra, céu e o mar
Do clementônio fez o homem
Que a mulher originou
A longo prazo tudo se modificou
E assim viu que tudo dava certo
Desceu para ver de perto toda sua criação
Com 13 naves invadiu nosso torrão
Viu muito bumbum de fora
A missa rezou (bis)
Trouxe os saturnafrincanos
E os escravizou
Na evolução do tempo
Veio a voz da liberdade
Com a corda no pescoço
Se calou sem piedade
Clementius que não é bobo
Vendo o mundo diferente
Sem querer ser comandado,

Tinha um plano traçado
Elegeu-se presidente
Passaram os anos foi aberta a exceção
Diretamente para as urnas o povão
Cansado, confiscado, sem saber o que fazer
Vendo clementius novamente no poder
É brincadeira,
Quá, quá, quá (bis)
Pau-brasil que nasce torto
Sempre torto vai ficar⁶

Outra estratégia cidadã desenvolvida pelos sambistas, é recuperar a história de seus irmãos, no sentido de fundamentar um conteúdo memorialístico capaz de lhes devolver a História. O poder de domínio do colonizador autoriza um grupo a constituir-se como detentores de uma história, que, aliás, serve como liga na substanciação de seu povo. Enquanto outros povos seriam desprovidos de História. A destituição da História desumaniza o outro, pois retira o que lhe é mais próprio, enquanto sujeito e coletividade. Porém, apesar da tentativa de silenciamento da História como esmagamento ontológico do ser, os povos negros transmitiram sua cultura religiosa, poética, musical, política, humanística. O caso de Lima Barreto, escritor pré-modernista brasileiro, vítima do republicanismo brasileiro e sua indiferença com os mais pobres como se fossem inexistentes ou desprezíveis, que não teve os louros da fama, no sentido máximo a que um escritor habilidoso merece, a Academia Brasileira de Letras, é um exemplo emblemático. Mas o fato em si, trágico, racista, desumanizante, no sentido de que a escritura negra não tem a mesma validade da dos romancistas brancos, quando vira samba, sofre uma transfiguração poética. No sentido, de que o processo e o desfecho de Lima Barreto, não sucumbem numa tristeza como resignação de um país atolado até o pescoço na lama de seu racismo mais estúpido. Na última parte do texto, *Lima Barreto, mulato, pobre, mas livre*, se conta que ele se entregou a bebida e morreu na solidão, mas que ali, no carnaval e no desfile da Unidos da Tijuca, o seu povo quer falar só dele. Acabou a sua solidão quando o carnaval o ressuscitou, agora sem o racismo, o silenciamento e a solidão, mas com a alegria de seus irmãos, que se solidarizam à sua dor, iguais que são como herdeiros de uma mesma escravidão, de uma mesma República sem políticas públicas e democracia, de uma

⁶SÃO CLEMENTE. *Já vi este filme*. Compositores: Carlinhos Andrade, Roberto Costa e Cesar D’Azevedo, 1991. In: <https://www.youtube.com/watch?v=7L76DrYPhVI>

mesma falta de liberdade em poder se expressar. Mas o carnaval permite aos negros falarem. E como falam tantas coisas!

Vamos recordar Lima Barreto
Mulato pobre, jornalista e escritor
Figura destacada do romance social
Que hoje laureamos neste carnaval
O mestiço que nasceu nesta cidade
Traz tanta saudade em nossos corações
Seus pensamentos, seus livros
Suas ideias liberais
Impressionante brado de amor pelos humildes
Lutou contra a pobreza e a discriminação
Admirável criador, ô ô ô ô
De personagens imortais
Mesmo sendo excelente escritor
Inocente, Barreto não sabia
Que o talento banhado pela cor
Não pisava o chão da Academia
Vencido pela dor de uma tragédia
Que cobria de tristeza a sua vida
Entregou-se à bebida
Aumentando o seu sofrer
Sem amor, sem carinho
Esquecido morreu na solidão (bis)
Lima Barreto
Este seu povo quer falar só de você (bis)
A sua vida, sua obra é o nosso enredo
E agora canta em louvor e gratidão⁷

Desse modo, a prática da cidadania não ocorria pelas vias tradicionais, por filiação em partidos ou sindicatos. Mas operava por outras vias, o carnaval como um exemplo valioso. A disputa pelo poder institucional era inviável a esta população, mas isto não quer dizer que não houvessem formas de organização e redes de solidariedade no sentido de um fortalecimento destas pessoas como grupo organizado. Neste sentido, que endossamos a hipótese do desenvolvimento do carnaval de sambas de enredo como exercício da cidadania, o povo se constituindo como coletivo, se fazendo ouvir, se mostrando, como anular a estratégia de invisibilidade inventada pelas elites sanitizadoras.

⁷UNIDOS DA TIJUCA. *Lima Barreto, mulato, pobre, mas livre*. Compositor: Renato Lage, 1982. In: <https://www.youtube.com/watch?v=oPh7PZNiyb4>

2. HOMENAGENS AO RIO

A questão que permanece como dificuldade na leitura dos sambas de enredo como legítimo recurso para o exercício da cidadania, é o olhar míope sobre o conteúdo apenas visível do fenômeno. Ou seja, a festa em si mesma como síntese totalizadora. Isto se deve a um problema de interpretação filosófica da realidade, talvez, a partir do Iluminismo, colocado de forma mais contundente. Isto é, a realidade posta em compartimentos, separada em especialismos, que por serem assim, forçam, no campo epistemológico, também os especialismos. Nem a realidade é especializada, nem os saberes precisam ser. Acreditando-se e, por mera fé, que quanto mais especialista se for, mais se saberá de algo. Todavia, o dilema, desde Sócrates, não é saber mais para se descobrir sabedor, mas saber-se não sabedor. De qualquer modo, o conhecimento e, em se tratando de realidades sociais e históricas, eminentemente, humanas, só se constitui como tal, na medida em que os saberes conseguem se comunicar entre si. Numa relação de troca, que não define este ou aquele saber como tal, mas funda um outro saber como complexidade (Morin), Rizoma (Deleuze), Incerteza (Heinseberg), relativo (Einstein) ou difuso e caótico (Nietzsche). A saída racional Iluminista fez-se numa conjunção de eventos históricos e sociais, e resolveu uma série de problemas. Porém, criou outros, como miopia da realidade, por uma análise mecanicista demais. Logo, afirmar um tipo de cidadania a partir dos sambas de enredo, pareceria um disparate, dada a pedagogia na qual fomos educados. Mas só o é, em primeiro lugar, se uma carga elitista e racista ainda sustentam os pressupostos conscientes e inconscientes da análise. Só o é, se a visão ainda é dos especialistas, racionais, objetivistas e orientados por uma consciência inflacionada. Se, por outro lado, uma disponibilidade pessoal e intelectual do analista, abre-se a uma irreverência no jeito de pensar: o inconsciente, o irracional, a festa, a brincadeira, a dança e o corpo, a música e as paixões, a poesia e a arte, o erro e o deboche, tomam cena na construção de um agente cidadão incrivelmente singular.

Por isso, a hipótese levantada por José Murilo de Carvalho é pertinente. Sua análise sociológico histórica, desdobra-se num dilema filosófico. A cidadania, por todos esperada, do povo brasileiro, a direita e a esquerda, não acontece de jeito nenhum. Porque um e outro veem o conceito de um modo, talvez, Iluminista demais, perdendo com isso a riqueza das nuances, os sopros do indizível como reverberação corporal. E, o pior, por mais bem-

intencionado que se esteja, se caindo, novamente, na vala do elitismo. A construção da cidadania brasileira, como práxis e conceitualização, somente é possível por um viés interdisciplinar. Em que as formas de expressão artísticas e populares não estejam relegadas a uma subalternidade insossa e desprovida de saber. Que a música popular, por exemplo, consiga conectar-se, na ação profícua do povo, como capacidade de dizer sobre seus afetos, sobre sua compreensão de sua realidade social, política, econômica, familiar, religiosa, como um corpo múltiplo, todo ele acontecendo de uma vez, num turbilhão. Desprestigiar os sambas de enredo como não literatura, não política, não arte, por acreditar-se que a cidadania deva ser assim ou assado, e o povo, portanto, acabando-se por não se enquadrar, é um erro, por recusar a forma popular da cidadania.

Outro dilema, promovido, talvez, mais por uma determinada intelectualidade universitária, que por desejos de uma classe média cafona e deslocada, envergonhada de sua própria miséria existencial, é a utilidade da arte. Quando ela desponta objetivamente como ação política, é digna de mérito. Ao contrário, se for desengajada, perde todo o significado, ainda mais se for simplista do ponto de vista da composição musical, ou da métrica poética, um *palavrão*, então, caindo como o mais leviano dos impropérios. Neste sentido, o samba, o *funk*, o *rap*, o forró, o axé, o *techno* brega e o *techno* forró, não teriam nenhuma contribuição a dar em termos de cidadania. Se todas estas artes fossem totalmente desengajadas, o que é falso, mas supondo que fossem, elas, ao menos, oferecem ao povo a oportunidade de alegrar-se, diante de um mundo inteiro que os esmaga, os humilha, os ofende, da forma mais hedionda e criminosa, de uma história de absurda subjugação, de uma vida que, a cada dia, se esvazia ainda mais, num ônibus lotado como a mais sórdida falta de respeito para com os trabalhadores deste país. Fazer sorrir, alguém que sofre a dor mais funda, não é uma atitude alienante, mas uma ação cidadã, de acolhimento, empatia e promoção de saúde mental. Seguindo nesta toada, alguns até se tornariam simpáticos aos sambas de enredo, mas há que se considerar, ponderariam, que uns tem uma intenção antirracista, libertária, problematizadora, mas tem outros que são pura *bobagem* e perda de tempo. Mais uma vez, a carga dualizante reivindicando seu espaço na interpretação. Mesmo os sambas de enredo mais descomprometidos, ainda são revolucionários. Juntar tanta gente em espaços de comunhão, solidariedade, partilha e alegria, principalmente entre os negros, não é uma tarefa fácil.

A cidade do Rio de Janeiro é deslumbrante de linda e muitos sambas de enredo foram encomendados pelas secretarias de cultura e turismo para veicular uma determinada imagem idílica do lugar, exaltando suas paisagens, no sentido de atrair turistas, negócios e novos moradores. Aqui, não dicotomizaremos este samba cartão-postal, de um lado, pouco crítico, e outro, mais engajado. Defendemos que a festa, o riso, a dança, em si mesmas, são rebeldes, e revolucionárias. Já os sambas construídos na época da ditadura militar como imagem distorcida para enfatizar um certo ufanismo merece uma contextualização melhor. Mas é importante lembrar que o samba não tem a pretensão de ser uma obra das Ciências Políticas e Sociais. Sua missão é ser uma música para acompanhar um desfile de alegorias de carnaval, que por ser isto reverbera elementos de rebeldia.

Rio de Janeiro
Salve São Sebastião
Santo padroeiro
Samba, amor e Tradição
Esquece a tristeza
Que é hora do Rio cantar
Com tanta beleza
A gente não pode chorar
É na Passarela
É na Cinelândia
A Tribuna Popular
Quero da Vista Chinesa
Ver a natureza se descortinar
Quero outra vez ver meu time
Fazendo esse meu Maracanã vibrar (TRADIÇÃO, 1989).⁸

Assim, os grandes nomes da cidade, indicativos de uma introjeção do Rio na alma do brasileiro e do cidadão do mundo, como subjetividade, surgem como elementos, familiar e familiarizante. Cinelândia, Maracanã, Copacabana, Paquetá, a lembrança, mais saudosista que crítica da monarquia, vão se repetindo na cadência do samba, incluindo a todos como cidadãos desta grande cidade, antiga e atual. Um sentimento de pertencimento envolvendo o turismo como um estar à vontade numa cidade que não é a que se mora. “Rio do mar de Ipanema/A Lapa boêmia/Malandro tem que respeitar/Rio, vem cantar de

⁸TRADIÇÃO. *Rio, Samba, Amor e Tradição*. Compositores: João Nogueira e Paulo César Pinheiro. Rio de Janeiro: 1989. In: <https://www.youtube.com/watch?v=BKALFMCPn7g>

novo/Sorria, meu povo/Que o Cristo Redentor quer te abraçar”(TRADIÇÃO, 1989).⁹ É como um manual dos pontos turísticos, musicado e coreografado, além de esculpido, em carros alegóricos, e, costurado, em fantasias, transmitindo ao visitante os encantos da cidade.

Copacabana é princesinha a vida inteira
A capital do samba ainda é Madureira
Em Paquetá tem flores
Ilha dos meus amores
Que lembra o amor do Imperador pela marquesa
Lá nos jardins do bairro imperial
Ai, como é lindo a criança
Entrando na dança desse Carnaval (bis)(TRADIÇÃO, 1989).¹⁰

Da beleza humana da cidade, a polêmica Avenida Getúlio Vargas, produto das investidas das reformas de Pereira Passos que desembocaram na Revolta da Vacina, os imensos palácios do governo, as esculturas, o Teatro Municipal, o Cristo, o sambódromo, a ponte Rio Niterói, uma pista de aeroporto meio que flutuando sobre as águas da Guanabara, o comércio popular da Uruguaiana, às formações do relevo, imensos maciços rochosos, o mar é o mais encantador da cidade. Seu carro-chefe no turismo, digno do assédio das máquinas fotográficas dos que querem immortalizar aquela experiência turística. Os sambas, evidentemente, tratarão este contato da terra com o mar com o maior esplendor e dignidade.

Hoje a minha escola
Veio desfilhar
Pra mostrar que o samba
Não pode parar
Oh! Linda morena
Quero ver passar
Num doce balanço
Caminho do mar
Ê, ê, o mar, ê ê o mar
Ê ê o mar, ê ê o mar
Oh! Meu Rio...(TRADIÇÃO, 1989).¹¹

⁹TRADIÇÃO. *Rio, Samba, Amor e Tradição*. Compositores: João Nogueira e Paulo César Pinheiro. Rio de Janeiro: 1989. In: <https://www.youtube.com/watch?v=BKALFMCPn7g>

¹⁰TRADIÇÃO. *Rio, Samba, Amor e Tradição*. Compositores: João Nogueira e Paulo César Pinheiro. Rio de Janeiro: 1989. In: <https://www.youtube.com/watch?v=BKALFMCPn7g>

¹¹TRADIÇÃO. *Rio, Samba, Amor e Tradição*. Compositores: João Nogueira e Paulo César Pinheiro. Rio de Janeiro: 1989. In: <https://www.youtube.com/watch?v=BKALFMCPn7g>

A economia brasileira foi construída com sangue derramado de indígenas e negros. História de sofrimento e dor, atualizada e revivida a cada novo caso de racismo, convicto da desumanidade do outro, nos dias atuais. Mas os seus deuses da natureza os guiaram quando todo caminho era impossível, pois seus braços e pernas encontravam-se amarrados. Os pés presos, um dia hão de sambar, um dia hão de lutar e desferir os golpes certos nas cabeças de seus algozes, em nome da liberdade, da África e da História. Os trabalhadores dos portos, na atualidade, inclusive, compõe-se de homens negros, carregadores de cargas muito pesadas, sacas de café, de batata, cimento, açúcar. Uma reprodução, porque não é coincidência, do trabalho escravo. De maneira geral o africano fez o trabalho braçal, apesar de terem existido escravizados contadores, músicos, escritores, administradores. O que permanece no imaginário, entretanto, é o emparelhamento homem negro - trabalho braçal: marca indelével dos estivadores. E condição subjetivada que tem de ser corroída e destruída, pois ainda não é comum o mesmo tratamento, quase natural, que se dá ao doutor branco nas cátedras universitárias, de um intelectual de ponta, e o doutor negro e negra ocupante das mesmas magníficas cadeiras da academia.

Entre revolta de dor
E um canto negro de fé
O nosso povo exportou samba no pé (bis)
Axé, minha Guanabara,
Recanto mais doce do mar
Tão doce que trouxe a indústria
E fez o turista se apaixonar (na Praça Mauá)
Hoje a "noite" é bem mais quente, não é mais
Um inocente arranha-céu, oi
Torre de Babel que vive em paz
Já ancorou mais um navio
E eu sou confidente desse cais
Orgulho e tradição do Rio
Avisa aos navegantes que o Império vem aí
Olha, o bicho vai pegar, a poeira vai subir
É arte, é cultura, é talento original
Hoje tem festa no planeta carnaval(IMPÉRIO SERRANO, 2001).¹²

¹²IMPÉRIO SERRANO. *O Rio corre para o mar*. Compositores: Arlindo Cruz, Maurição, Carlos Sena e Elmo Caetano. Rio de Janeiro: 2001. In: <https://www.youtube.com/watch?v=R-1uEllv8nE>

A passagem pela Revolta da Vacina para discutir o problema da cidadania na cidade do Rio, nos é cara, devido ao recorte objetual que nos detemos neste artigo. O samba tem muitos pontos a se encaixar em noções de alienação e entretenimento puro, captura pela indústria cultural e imbecilização premeditada de uma suposta mente maquiavélica burguesa. Porém, as pistas deixadas por José Murilo de Carvalho nos colocam numa posição mais confortável, pois evidenciam um povo brasileiro com suas especificidades, em hipótese alguma comparáveis com as do povo europeu. Qualquer mecanicismo é difícil de rodar na realidade sociopolítica brasileira. Assim, é até difícil de falar, sem não ser mal compreendido, mas o conceito de cidadania e de afirmação de povo no Brasil passa muito pelo exercício das festas. Tal assertiva já seria suficiente para se adotar uma sucessão de *menos*, ao olhar ingênuo do leitor afoito. Ora, mas esta compreensão de mundo não é, nem maior, nem menor, que qualquer outra concepção de cidadania. Contudo, as condições históricas colocadas sobre os ombros dos negros na sua relação com os seus escravizadores conduziram a um ajuste de forças complementemente ímpar na história da humanidade. A forma como acontece a política no Brasil é, inteiramente, *sui generis* e está fortemente ligada às manifestações culturais, como o carnaval, isto para o bem e para o mal.

3. OUTRA VOZ DO SAMBA CIDADANIA

A cultura é um meio robusto de afirmação cidadã do brasileiro, em especial dos negros migrados ou nascidos na cidade do Rio de Janeiro. Este é um pressuposto de investigação acadêmica. Desconsiderar isto é começar a pesquisa de um lugar inconsistente enquanto manancial de pistas para a análise. Outro ponto é sair dos vieses muito duros, dicotomizadores, absolutizadores, irreduzíveis. Isto porque a realidade brasileira é complexa demais, pois onde se quiser ver arte, talvez se encontre bastante política. E onde estiver o engajado até o tutano do osso, se ache a mais linda pintura do mais sensível pintor. A arte de Leci Brandão é engajada, logo profundamente bela. A forma como ela instrumentaliza a arte, na sua arte, não a deslegitima numa espécie de demérito ou descompromisso com o sentido estético da composição. Recrutando a arte para a sua ação política, explícita e nítida, redireciona a sua criação. Em Leci Brandão, a arte não perde, porque serve à política, ela se enriquece. De um modo que política e arte integram uma mesma realidade composicional. Do ponto de vista estratégico político isso é bastante

perspicaz, pois o seu recado pode chegar a ouvidos, que se a mensagem não estivesse cifrada, nem se dariam ao trabalho de ouvir o seu partido-alto. E ao ouvi-la, estas pessoas podem ser transformadas espiritualmente e para sempre. E o que ela faz, não é caricatural, panfletário, artificioso, sequestro e instrumentalização da arte: é autêntico, bonito, incrivelmente original.

As festas da elite tem o artificialismo como pomposidade e vontade de pertencimento a um lugar que não é o seu, a Europa. Este desejo de ser europeu da elite brasileira denuncia o seu *complexo de vira-lata*. Todavia, este elitismo pequeno burguês não se assemelha, nem de perto ao dos europeus. Falta aos ricos brasileiros, nobreza, classe e *finesse*. E isto os frustra em demasia de modo a provocar os delírios mais absurdos, como ser nacionalista enrolado em bandeiras de Israel e dos Estados Unidos. Não é à toa que nem eles suportam essas suas cerimônias chatas para se mostrarem uns para os outros, nunca podendo se estar à vontade para *encher a cara e falar merda*. Porém, ao longo do tempo passaram a frequentar os pagodes dos negros, muito mais divertidos. Em todos os sentidos estamos mais perto da África, que da Alemanha. E que o nosso gosto por festa autentica os atabaques, ao invés do violino. Não que o violino não sirva, é lindo quando bem tocado, mas nós somos mais viscerais, habilidosos e participativos no que se refere a música e festa. O Morro da Mangueira é mais divertido, com sua caipirinha, feijoada e batucada. Mas para realizar a comparação entre festa de rico e festa no morro, tem de ter gozação, tiração, deboche, a própria musicalidade indicando este escárnio, esta caricatura, a crítica ácida imbricada no texto música.

Fui convidada a visitar um palacete no Catete
O ambiente era de fato, diferente
Fidalguia, burguesia demais
Os empregados, todos engomados, traziam bandejas
Contendo melões e contendo cerejas
E os melhores vinhos internacionais
Comi assados e caramelados, meio encabulado
O recinto era um salão apertado
Todo mundo a palestrar
Lá pelas tantas a dona da casa executou Chopin
E eu sem ninguém pra comentar
Preferi observar
No outro dia recebi convite pra ir a Mangueira
Um barraco todo verde, e uma roseira
Na frente da porta para ornamentar

Boa comida era feijão
E a batida de limão
Mais preferida, quanta empolgação
Lá pelas tantas houve batucada
E partido alto
E aquela gente sem ser do asfalto
Disse coisa bela ao som de um violão
E perguntaram qual dos dois convites tive preferência
E respondi com a máxima veemência
Francamente preferi o barracão!
(De Mangueira...)(BRANDÃO, 1979).¹³

A contribuição de Tom Jobim e Vinícius de Moraes à música popular não se resume a Bossa Nova, *strictu sensu*, mas dá investidas em outros campos de disputa, como a luta antirracista. Neste sentido, a canção *O Morro não tem vez*, coloca em cena o povo periférico, que as elites fingem não ver. No carnaval, esta população aparece protagonizando as escolas de samba, meio que desconectada do povo dos morros neste espetáculo, mas são as mesmas pessoas que o jornalismo policial milita em demonizar e criminalizar. O morro não precisa de alguém que lhe deem vez e voz, ele já fala e canta, não é à toa que o asfalto, seja comportado ou não, é embebido por esta música. A música brasileira tem muito do africano de modo que mesmo o racista vai ter que engolir esta origem. Mas esta *vez e voz* de que falam os poetas refere-se ao exercício da cidadania, a população do morro excluída, não só economicamente, mas politicamente. Os representantes do povo, alheios aos interesses do povo. Utilizando-se do poder político, mais para benefício próprio, que para o povo, os donos de poder seguem sem ver e dar voz a periferia, tendo uma postura mais paternalista que libertária e cidadã. Além do silenciamento próprio do racismo estrutural e do trabalho histórico de esvaziamento político da potência contestatória dos povos negros.

O morro não tem vez
E o que ele fez já foi demais
Mas olhem bem vocês
Quando derem vez ao morro
Toda a cidade vai cantar
Morro pede passagem
Morro quer se mostrar
Abram alas pro morro
Tamborim vai falar

¹³ BRANDÃO, Leci. *Preferência*. Composição: Leci Brandão. Rio de Janeiro: 1979. In: https://www.youtube.com/watch?v=sV-DEab_KZc

É 1, é 2, é 3, é 100
É 1000 a batucar
O morro não tem vez
Mas se derem vez ao morro
Toda a cidade vai cantar(2x)(BRANDÃO, 1963).¹⁴

A mulher presa injustamente, presa em flagrante. Uma imagem literária da canção de Leci, mas nem um pouco deslocada da realidade. O tráfico de drogas domina o território, a polícia agindo para reprimir e conter a ação dos traficantes. Medidas sempre insuficientes porque o consumo só aumenta e não irá diminuir, os seres humanos sempre usaram drogas, seja para fins religiosos, recreativos ou para conter a angústia de uma vida capturada por um sistema que vampiriza as pessoas alienando-as delas mesmas enquanto força pululante. A guerra ao tráfico de drogas é só uma justificativa do Estado para manter o seu aparato bélico repressivo sempre renovado, garantindo os lucros da indústria armamentista. Além do que, o controle do Estado sobre o comércio de drogas ilegais reduziria os lucros para os seus maiores investidores, homens ricos e poderosos, que não moram no morro, o traficante e seus comparsas são, apenas, a ponta do *iceberg*. Neste sentido, a legalização das drogas, traria lucro para o Estado que poderia ganhar dinheiro com isto, convertendo-o em políticas públicas antidrogas e equipamentos públicos para cuidar dos dependentes químicos, orientados por uma diretriz laica, profissional, não moralizante e não culpabilizadora.

Mas a legalização não interessa a ninguém. O sistema prisional, um dos mais inchados do mundo, mantém outras indústrias, além da armamentista, beneficiando empresários com dinheiro público em licitações fraudulentas para construção de prisões, para aquisição de câmeras de vigilância, de sistemas de trancas, contratação de agentes prisionais, mesmo os concursados são lucrativos para alguém, eles fazem cursinhos preparatórios, contratam *personal trainner* para o TAF(teste de aptidão física). A imprensa só faz o trabalho sujo de veicular uma imagem distorcida do modelo operacional da justiça criminal brasileira fazendo as pessoas crerem que o modelo brasileiro é permissivo e frágil, soltando mais do que prendendo, *a bandidagem correndo solta por ai e o cidadão de bem preso dentro de casa*. Como se a concepção de justiça hoje fosse a dos suplícios do século XVII. O problema é que a humanização das prisões e da pena, como

¹⁴BRANDÃO, Leci. *O Morro não tem vez*. Composição: Tom Jobim, Vinicius de Moraes. Rio de Janeiro: 1963. In: <https://www.youtube.com/watch?v=67w-dn3XGe8>

recursos a formação do prisioneiro, não se coadunam a uma sociedade racista que deslegitima o preso como um não humano, levado por uma animalidade selvagem incrustada no seu ser mais próprio. Não é coincidência a maior parte população carcerária no Brasil e nos Estados Unidos serem de negros. Assim como não é coincidência este olhar desumanizante sobre o preso.

Não matou nem roubou
Mas foi presa em flagrante
Escondeu no chateaux
O bagulho do amante
O amante saiu e largou o embrulho
Quando a casa caiu tava lá o bagulho
Lelelelelele Lelelelelele
Lelelelelele Lelelele
Hoje a vida é na cela
Toma banho de sol
Acompanha a novela e também futebol
No dia de visita
Sua mãe vai levar a criança bonita para ela abraçar
O amante saudoso nunca mais foi lhe ver
E ela nem tem direito um pouco de prazer
E que venha o alvará pra essa pobre mulher
Que um dia sairá se Deus quiser
Lelelelelele Lelelelelele
Lelelelelele Lelelele(BRANDÃO, 2008).¹⁵

Assim, é nítido que o exercício da cidadania por parte da população negra brasileira acontece pela via da arte, da religião, das festas, das redes de solidariedade. A própria arte sambística funcionando como recurso para a formação intelectual, política e social de seu povo. Por muito tempo, o povo negro esteve por si só, esquecido e oprimido. Por isso, teve de aprender a fortalecer-se sem a anuência do Estado. Mesmo hoje, com algumas políticas afirmativas e assistencialistas, o Estado é mais presente como repressão policial, que como saúde pública, educação de qualidade, redes de saneamento básico, moradia adequada, água potável. E como o samba, outras formas de expressão cultural reverberam ações cidadãs do povo negro e periférico brasileiro.

¹⁵ BRANDÃO, Leci. *O bagulho do amante*. Composição: Leci Brandão. Rio de Janeiro: 2008. In: <https://www.youtube.com/watch?v=xxmHWDcIcps>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A afirmação de que *o Brasil não tem povo*, ou que *o povo viu a proclamação da República bestializado*, como enumera José Murilo de Carvalho, nas suas páginas iniciais, de *Os Bestializados*, como indagação para o desenvolvimento da pesquisa, demonstra o quão elitista era o viés para uma leitura do povo brasileiro, principalmente dos mais pobres. Não é estranho, que recursos retóricos semelhantes, sejam usados hoje para se referir a estas pessoas, a direita e a esquerda. Sempre um povo idealizado, inoperante, apático, desmobilizado, despreocupado com as principais questões do Brasil: um povo que não sabe votar! Colocado, ademais, numa posição passiva, infantilizada, como incapaz de definir os desígnios de sua própria história. Aliás, a própria obrigatoriedade do voto como uma medida de tutela do Estado, que supõe que sua facultatividade significaria forte abstenção eleitoral. O que não se justifica, por falta de evidências empíricas. Todavia, quando retirada esta carapaça elitista, e despolutizante, como projeto político das elites, se percebe um povo por demais, combativo, atuante e, bastante criativo, do ponto de vista do exercício da cidadania na invenção de formas de resistência e existência. Desde a acolhida feita por babalorixás e ialorixás, no sentido de dar um teto e um prato de comida, se iniciado, uma família de santo e sua reintegração cosmogênica como aquisição do significado estruturante do mundo, perdido no sequestro destas pessoas no continente africano, por traficantes de humanos; aos sambas de enredo, oriundos dos terreiros, passando pelos mutirões para bater laje na casa do vizinho, regado com feijoada, caipirinha e cerveja; estas pessoas construíram formas de cidadania e inserção no mundo completamente singulares e autênticas. De um valor elevado, digno de todo o respeito e honradez.

REFERÊNCIAS

ALVES, Vânia de Fátima Noronha. Raízes – Resistência histórica. Roteiro, Joaçaba, v. 44, n. 2, p. 1-6, maio/ago. 2019.

ARAÚJO, Anderson Leon Almeida de; **DUPRET**, Leila. Entre Atabaques, Sambas e Orixás. Revista Brasileira de Estudos da Canção RBEC, n.5, jan-jun 2014.

ARAÚJO, Bruno Félix Von Borell de; **TURETA**, César. **ESCOLAS DE SAMBA: trajetória, contradições e contribuições para os estudos organizacionais.** o&s, Salvador, v.20 - n.64, p. 111-129, Janeiro/Março, 2013.

AUGRAS, Monique. **MEDALHAS E BRASÕES: a história do Brasil no samba.** Centro de Pesquisa e **BARROS**, Letícia Maria Renault de; **BARROS**, Maria Elizabeth Barros de. O problema da análise em pesquisa cartográfica. Fractal, Rev. Psicol., v. 25 – n. 2, p. 373-390, Maio/Ago. 2013.

BRITO, Marcus Vinicius Jesus. **ABRAM ALAS PARA A RÁDIO ARQUIBANCADA: Jornalismo e midiatismo pedem passagem em nome da cultura das escolas de samba.** Dissertação de Mestrado. UNISINOS. São Leopoldo, 2018.

CARVALHO, José Murilo. **OS BESTIALIZADOS: O Rio de Janeiro e a República que não foi.** São Paulo. Companhia das Letras, 1987.

DELEUZE, Gilles . Dialogues. Pré-textos. Paris, 1980.

_____ ; **GUATTARI**, Félix. **O ANTI-ÉDIPO: Capitalismo e esquizofrenia.** Editora 34. São Paulo, 2010.

_____. Conversações. Editora 34. São Paulo, 1992.

_____. **KAFKA: Por uma literatura menor.** Imago. Rio de Janeiro, 1975.

DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. Rio de Janeiro, 1992.

DOZENA, Alessandro. As territorialidades do samba na cidade de São Paulo. Tese de doutorado. USP. São Paulo, 2009.

FARIA, G. J. M. **O ESTADO NOVO DA PORTELA:** circularidade cultural na era Vargas. Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares, v. 6, n. 1, p. 125-138, 2009.

FERNANDES, N. N. Escolas de samba - sujeitos celebrantes e objetos celebrados. Rio de Janeiro: Coleção Memória Carioca, 2001.

FERREIRA, Júlio César Valente. A construção e ocupação do lugar carnavalesco pelos blocos de rua da cidade do Rio de Janeiro. **CONINTER**, Foz do Iguaçu, PR. UNIOESTE, 8 a 11 de dezembro de 2015, ISSN 2316-266X, n.4.

FRANCO, Suélen Matozo; **LEÃO**, André Luiz Maranhão de Souza. **PARA OS SÚDITOS DE MOMO, TRADIÇÃO É LEI:** governo e verdade na organização do carnaval de Olinda. Revista Organizações & Sociedade - v. 26, n. 91, p. 621-644, out./dez. 2019.

FREIRE, Paulo. **A PEDAGOGIA DA ESPERANÇA:** um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GOMES, Antonio Henrique de Castilho. As representações das "nações" brasileiras nos enredos das escolas de samba do rio de janeiro. Anais eletrônicos do III Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e Educação Criciúma, 2018, ISSN - 2446-547X.

GUATTARI, Felix. As Três Ecologias. Papirus. Campinas, 1990.

_____ ; **ROLNIK**, Suely. **MICROPOLÍTICA: Cartografias do Desejo**. Vozes: Petrópolis, 1996.

HOBBSAWN, Eric. **A ERA DOS EXTREMOS: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo. Companhia das Letras, 1995.

KAECKE, Janaína de Moraes. O Sujeito na Quebrada do Samba. Ponto Urbe, 13, 2013.

LOPES, Nei; **SIMAS**, Luiz Antonio. Dicionário da história social do samba. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2015.

LOPES, Nei. Enciclopédia brasileira da diáspora africana. São Paulo. Selo Negro, 2011.

MACÊDO, Cibele Mariano Vaz de; **ANDRADE**, Regina Gloria Nunes. **MANGUEIRA: a cultura comunitária e o Centro Cultural Cartola**. Pesquisas e Práticas Psicossociais, 10(2), São João del-Rei, julho/dezembro 2015.

MOURA, Roberto. Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995.

NAPOLITANO, Marcos. História & música: história cultural da música popular. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

OIPARI Carmen; **TIMBERT**, Sylvie. Cartografia imaginada da mangueira. Fractal, Rev. Psicol., v. 25 – n. 2, p. 247-262, Maio/Ago. 2013.

PARES, Luis Nicolau. **A FORMAÇÃO DO CANDOMBLÉ: história e ritual da nação jeje na Bahia**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

PAULON, Simone Mainieri. A análise de implicação como ferramenta na pesquisa-intervenção. Psicologia & Sociedade, 17 (3), 18-25, set-dez: 2005.

PINTO, Danilo Corrêa. CORPO FEMININO, DISCURSOS, MEMÓRIA DISCURSIVA E IDENTIDADES: desfile das escolas de samba do carnaval carioca. III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade (III SIDIS) dilemas e desafios na contemporaneidade. *Psicologia*, v. 29, n. 1, p. 45-53, jan.-abr. 2017.

RAMALHO, Simone Aparecida. UMA ALEGRIA SUBVERSIVA: o que se aprende numa escola de samba? Tese de doutorado. USP. São Paulo, 2010.

SANDRONI, Carlos. FEITIÇO DECENTE: Transformações do samba no Rio de Janeiro (1917-1933). Rio de Janeiro. Zahar, 2001.

SANTOS, Wanderley Moreira. BREAK-AR A VIDA: o processo de subjetivação de jovens negros por meio da dança na cidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado. PUC. São Paulo, 2009.

SILVA, Samuel Cavalcante da. Modos de subjetivação e constituição do sujeito professor na literatura de autoajuda. *Linguagem – Estudos e Pesquisas, Catalão*, vol. 14, n. 2 – 2010.

SILVA, Alice Maia Casimiro da; SILVA Gabriele Gonçalves da; NASCIMENTO, João Paulo da Silva. POR UMA LEITURA LITERÁRIA DE EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS E RECEPÇÕES CULTURAIS DO SAMBA NO RIO DE JANEIRO: história, concepções e crítica. *Revista Philologus*, Ano 25, Nº 74. Rio de Janeiro. CiFEFiL, maio/ago.2019.